

Arno 10/10 1942

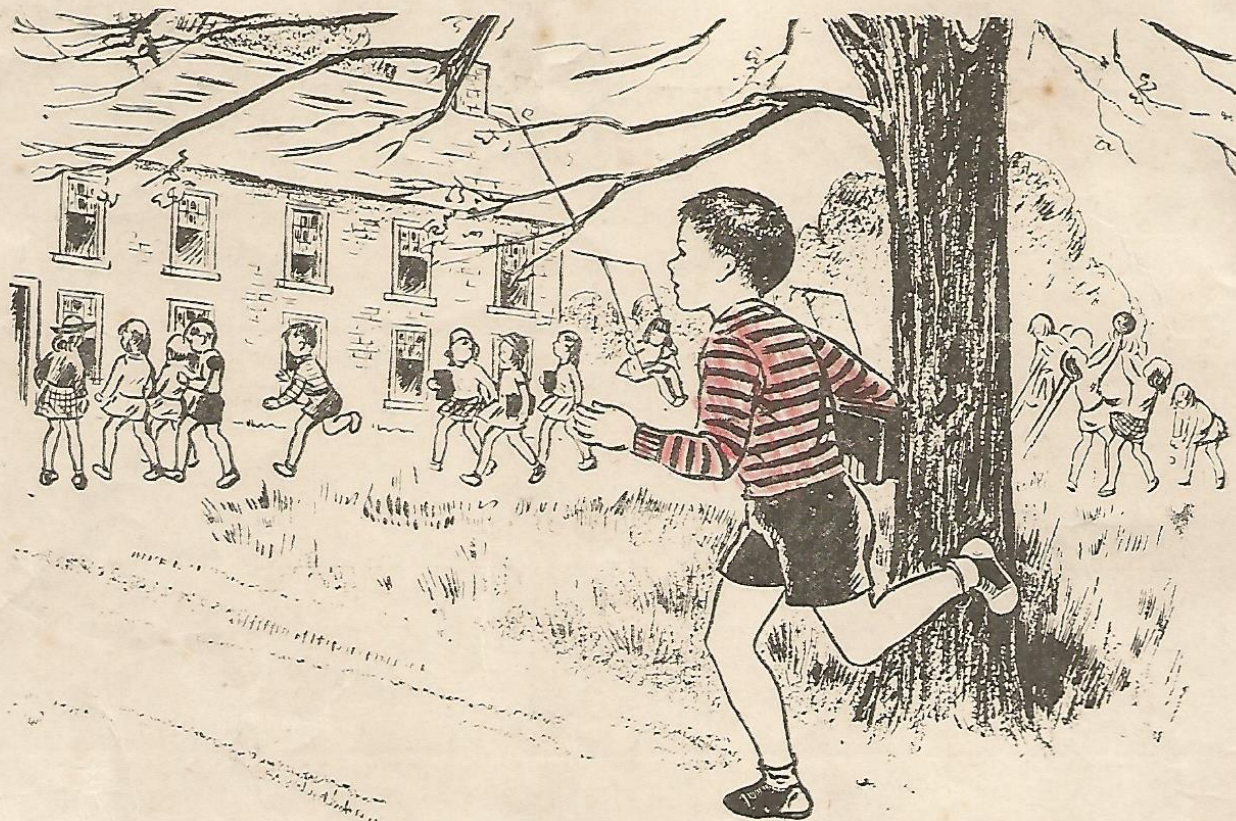
Bem-Te-Vi

ANO XX

NUM. 2



Fevereiro de 1942



Alegres, Marchar!

—E ntão, descansaram bastante durante as férias? Passearam e divertiram-se um pouco, não? Bem vejo que voltaram com boa fisionomia, boa cor e parece até com boa vontade de estudar, não é? Pois bem. Como hoje é o 1.º dia de aula deste ano, seria bem que vocês fizessem um plano de estudo. Ali no quadro eu escrevi, um canto muito bonito com o título **Trabalhar**. Ouçamos o que nos diz ele. Leia você, Francisco, em voz alta e os outros sigam com os olhos.

Quando o menino terminou a leitura, a professora continuou:

— Ouviram bem? O tempo corre ligeiro e não volta nunca mais. Vocês todos vão correr com ele. Mas é preciso correr com alegria para que a corrida seja suave e proveitosa. Além disso, vocês aqui na escola estão armazenando um tesouro — o saber — a prodigiosa herança que podem os pais deixar aos filhos, pois esta não se desperdiça nem se rouba.

Agora eu vou cantar uma vez; depois vocês me acompanharão e assim, num instantinho o canto estará aprendido. Durante todo o ano vamos cantá-lo uma vez por semana. Os que assinam o Bem-te-vi e têm piano em casa podem tocá-lo, pois a música saiu no número de fevereiro deste ano. Gostaria que vocês todos fossem assíduos e pontuais. Gostaria também que trouxessem um bom lanche.

Ao ouvir falar em lanche, as crianças riram.

— Vocês acharam graça? E' verdade o que eu digo. Muitas crianças não aprendem bem porque vêm à escola mal alimentadas e não têm a vivacidade necessária para aprender. Este ano vamos vender lanche aqui, bem baratinho, para facilitar aos alunos.

Isto era novidade para eles. Era de se ver como alguns até enguliam saliva. Eram crianças de grupo, muitas pobres, outras filhas de pais ignorantes que pouca atenção davam ao crescimento de suas crianças.

— A diretora e nós professoras estamos estudando um jeito de vocês mesmos ganharem uns \$500 por dia para o lanche em trabalhos que lhes oferecemos, caso não possam trazer de casa. Não seria bom?

— Seria! Seria! exclamaram eles.

— Estou gostando de ver que vocês também estão interessados nisso. O Brasil precisa de gente forte e não gente raquítica e amarela. Todos os Grupos Escolares estão empenhados nesta campanha. Hoje vamos pesar e medir todos vocês e mensalmente veremos se estão desenvolvendo como devem.

— Que bom! Que bom!

E assim, cantando, palestrando, medindo e pesando foi que passaram o primeiro dia de aulas.

Bem-Te-Vi

ANO XX ★ REVISTA MENSAL—matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934 ★ NUM. 2

Gerente responsável: —
Fernando Buonaduce



Redação e oficinas:
Rua da Liberdade, 659



Assinatura anual 10\$000
Número avulso . 1\$000

Toda a correspondência deve ser enviada à Gerência do “Bem-Te-Vi” - Caixa Postal, 3120 - S. Paulo

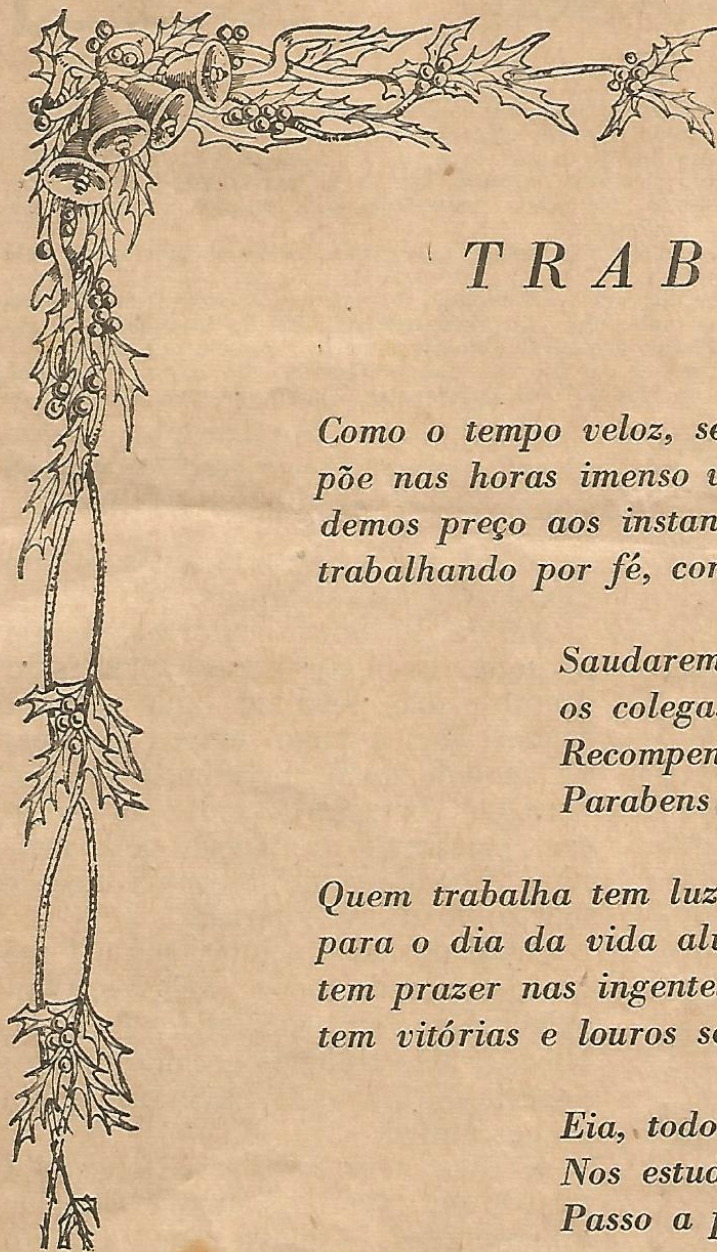
Diretor:
Afonso Romano Filho



São Paulo, Fevereiro de 1942



Redatora:
Antonietta Gonçalves Gilioli



TRABALHAR !

*Como o tempo veloz, sem medida,
põe nas horas imenso valor,
demos preço aos instantes da vida,
trabalhando por fé, com amor.*

*Saudaremos, com viva alegria,
os colegas fiéis no dever!
Recompensa da luta e porfia:
Parabens! Nossos votos! Saber!*

*Quem trabalha tem luz de alvaradas
para o dia da vida alumiar;
tem prazer nas ingentes jornadas;
tem vitórias e louros sem par!*

*Eia, todos a postos, avante!
Nos estudos não haja dormir!
Passo a passo, carreira incessante,
rumo certo de largo porvir!*

A. de C. Gonçalves.



III

SINOPSE: — A família Souza chegou a Mato Grosso em um carroção. O pai e Cláudio cuidavam do cultivo da terra enquanto Elisa e a mãe zelavam pela casa de madeira.

Um dia, estando o menino e o pai à procura de uma vaca perdida, foram os vizinhos levar-lhes aviso de que os índios se sublevaram. Muitos sitiados fugiram, léguas e léguas em busca de refúgio em Campo Grande. D. Isaura, entretanto, não achou conveniente sair, estando ausente o marido. Elisa, por sua vez, não quis deixar a mãe só.

O pai e o filho voltam à casa salvos; reconhecem o perigo, pois viram índios em movimento pela mata.

Elisa não crê na possibilidade de serem atacados, em virtude da amizade existente entre a tribo e sua família, inda mais por ser Jaci — a indiazinha — a sua companheira de brinquedo. Dera-lhe, havia pouco, uma de suas bonecas prediletas, à qual Jaci deu o nome de "Aquele que sorri".

Já era tarde demais para saírem em busca de refúgio em Campo Grande. Só havia, pois, uma coisa a fazer — trancar portas e janelas. Ao fechar uma das janelas, Cláudio dá com a boneca de Jaci no parapeito.

"Jaci esteve aqui?" indaga ele surpreso.

"Não! Por que?" responde a irmã. "E nem sua boneca estava aí, há uma hora! Não acha exquísito? Como foi?"

Elisa, sentada ao lado da caminha da boneca, dizia:

— Vamos, Rosita, chegue-se para lá. *Aquele-que-sorri* vai ficar aí com você até Jaci voltar.

Aquele-que-sorri tinha ainda a mesma aparência de quando seu nome era Mariazinha e pertencia a Elisa. Usava ainda o mesmo vestidinho xadrez que d. Isaura lhe fizera. Também o seu lindo sorriso era ainda o mesmo.

Custara a Elisa dispor de uma de suas bonecas, mesmo que fosse a Jaci. Todavia, vendo que a boneca de Jaci era feiosa e de couro, e percebendo como a menina apreciava Mariazinha, decidiu presentear-lá.

Foi o pagé — o avô de Jaci — quem lhe deu o nome de *Aquele-que-sorri*. O pagé era um homem alto, muito respeitado na tribo como bom guerreiro que fora, e tido como gran-

de sábio, razão por que todos davam ouvidos às suas palavras.

Amigo de contar histórias, reunia à noite os netos que, imoveis e atentos, não perdiam uma palavra sequer. Jaci é quem sempre lhe ficava ao lado, bem pertinho, pois, embora ele gostasse de todas as crianças, mostrava predileção pela netinha, filha de seu filho mais moço e morto na última guerra.

O pai de Elisa achava que o Pagé era o maior de todos os chefes. Considerava-os em amizade. Todavia, Elisa já não tinha a mesma opinião; parecia-lhe que não havia um índio sequer amigo.

A casa afigurava-se diferente e misteriosa. Com portas e janelas aferrolhadas, tomava um aspecto tristonho. Lá fora o sol devia estar brilhante e o regato a correr alegre. Lá fora também escondidos nas sombras das florestas esperavam os índios.

Cláudio ficou rente à parede, com o olho no burquinho da fechadura.

— Por enquanto não vejo sinal de índio, noticiou ele. Quem sabe não pretendem voltar.

D. Isaura nada respondeu. De pé, perto da mesa, tentava acender um lampeão.

De repente, ouve-se um grito que, cortando o silêncio, a faz tremer.

— Ih! Que porção de índios apareceram agora! gritou Elisinha que também procurava ver pelo mesmo burquinho. Estão lá do outro lado.

— O ataque deles deve provir de lá mesmo, replicou o pai, porque para cá há o descampado que não lhes oferece proteção alguma.

— Saíam daí, vou atirar, disse o pai.

Com o zunido a sala estremeceu. Elisa tapou os ouvidos. O tiro foi respondido por um grito chistoso dos guerreiros.

— Seja como for, pelo menos, recuaram, procurando esconder-se nas árvores, disse o pai, carregando novamente a arma.

— E' só o que nos resta fazer — conservar os índios à distância até chegar auxílio. E' preciso tentar a munição que temos.



Os índios eram prudentes. Retiraram-se a uma distância segura e entraram em considerações.

Momentos depois Cláudio deu o alarme:



— Eles vêm vindo! Eles vêm vindo!

De novo a velha espingarda entrou em ação e eles recuaram.

— Agora estão fazendo uma fogueira, disse Cláudio.

D. Isaura e o marido também observavam seu movimento.

— Oh Elisa! gritou d. Isaura, apertando a filha nos braços.

Cláudio colou-se à parede.

— Qual! Nossa munição não vai dar, não!

Elisa olhava com grande espanto e confusão, procurando adivinhar por que a fogueira causara tanta palidez no pai, arrancara soluços da mãe e trouxera desânimo ao irmão.

Não demorou a saber. Atrás das árvores os índios estavam em grande atividade. As flechas vinham sem cessar, todas inflamadas numa das extremidades. Os guerreiros querem, sem dúvida, queimar a sua habitação. E as flechas em chamas batiam de encontro à parede de táboa.

— Quando o fogo principiar, nossa casa sumirá, disse grave e receioso o pai.

— Nem mais uma esperança, pensou Elisa.

De repente, no meio do barulho de fora, ouviu-se uma voz de comando. E quasi que imediatamente cessou a chuva de flechas.

— Prestem atenção, falou d. Isaura.

— A voz parece ser do pagé, disse Cláudio.

— Ah se fosse! suspirou Elisa. Aposto que ele nos pouparia.

Aflitos, espiaram de novo. Efetivamente lá estava o velho chefe falando com vagar e autoridade e sendo ouvido em profundo silêncio pelos guerreiros, pois nenhum índio ousa interromper ou desrespeitar as palavras de seus homens sábios.

Houve um silêncio estranho quando ele acabou de falar. E então veio o milagre. Um a um, os índios foram-se embora.

Então o pai abriu a porta e olhou; havia à vista uma meninazinha índia, acanhadamente sentada à soleira de sua porta!

— Jací! Você aquí! Entre. Não sabíamos que você estava aí fora. Você e todos de sua casa são aquí bem-vindos. Seu avô é quem nos salvou a vida hoje.

— Jací! exclamou Elisa, principiando a compreender muita coisa. Você esteve aquí hoje de manhã e percebeu que estávamos em perigo, não é verdade?

— Sim.

— E você deixou de propósito na janela *Aquela-que-sorri* para fazermos ver que tinha estado aquí e depois foi chamar seu avô para vir em socorro nosso, não foi assim mesmo?

— Foi, sim.

— Pois aquí está sua boneca, Jací. Você é uma amiga de verdade... e eu a estimo muito.

A indiazinha sorriu sem nada dizer e estreitou amorosamente a boneca nos braços.

— Diga uma coisa, Jací, indagou Cláudio; que é que seu avô falou àqueles índios para que nos deixassem em paz? Diga-nos do jeitinho que ele fez. Você sabe?

A indiazinha era de pouca prosa senão quando a sós com Elisa. Sentindo-se, porem, orgulhosa com o ato do avô, não vacilou em responder:

— Vou contar-lhes:

E entregando a boneca a Elisa, deu uns passos e olhando-os de frente, com o braço estendido como fizera o avô, falou clara e pausadamente, com estranha dignidade infantil:

—“Sou velho, começou ela. Tenho vivido muitas e muitas luas. Peço-lhes, pois, que cessem com estes clamores de guerra. Concito-os a abandonar o intento, pois enquanto eu viver, defenderei este homem branco. Ele comeu comigo e em minha taba fumou o tubo da paz. Ele tem sido bom para a nossa gente. Sua mão tem sido dadivosa. Não façam mal a meu irmão branco.”

— Isso é o que ele lhes disse, concluiu Jací. Isso é muito mais. Agora vou-me embora.

Tomando a boneca dos braços de Elisa, ia saindo quando d. Isaura a chamou:

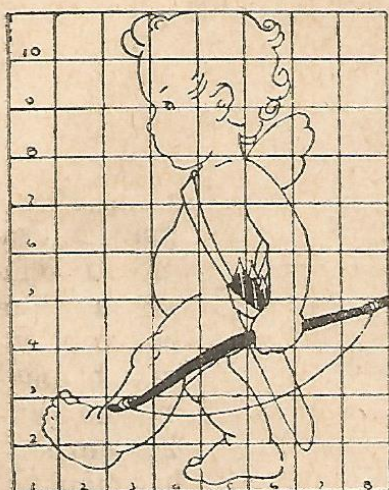
— Boa menina, não podemos nunca agradecer-lhe o que fez por nós. Devemos-lhe a vida. Você volta amanhã para brincar com Elisa?

Jací sorriu aos amigos, sentindo-se feliz e respondeu:

— Sim, eu volto.

— F I M —

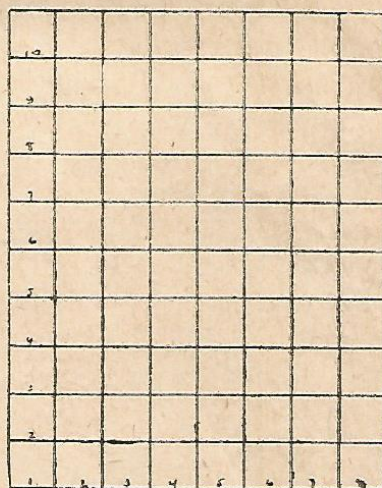




Desenhar brincando



O que os dois
fizeram



Tomé pegou suas ferramentas.
— Que você vai fazer, To? perguntou a irmã.

— Isso é que não sei ainda.

— Ah! Então faça para mim uma coisa. Você faz?

— Se não for difícil...

— Não é, não. Você é muito jeitoso...

— Bom, vamos, diga lá o que é.

— Queria uma armação para poder fazer um cobre-pé para mamãe, que faz anos na semana que vem.

E com boa vontade Tomé fez a armação e a irmã teceu a cobertinha, que ficou um primor!

Aprendam como eles fizeram:

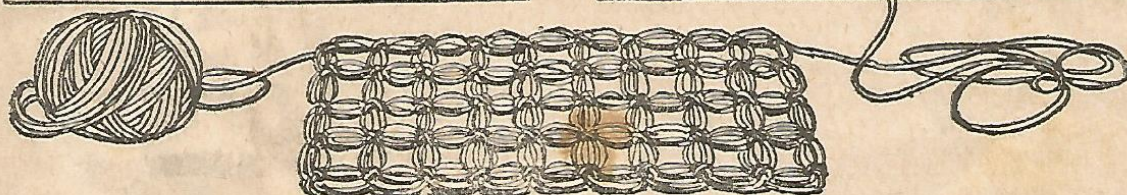
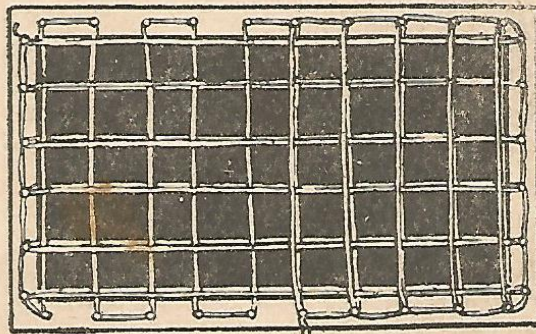
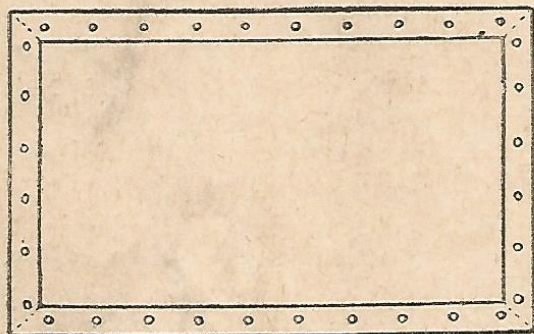
Usa-se a moldura de um quadro ou espelho velho, ou faz-se um retângulo do tamanho desejado. Bate-se preguinho em volta, distando 2 ½ cm.

um do outro e deixando-o com meio corpo para fora. (Fig. 1).

Agora, tecer. Aproveitem os restos de lã, se tiverem.

Amarrem uma ponta de lã escura no preguinho de um canto e desçam com ela ao 1.º preguinho de baixo; agora subam, passem ao 2.º preguinho, desçam, passem ao 3.º, subam e assim por diante até o fim; voltem fazendo o mesmo, mas em sentido oposto, isto é, cruzando os fios. Repitam isso cinco vezes. Agora com lã de outra cor, se tiverem, façam a mesma coisa 5 vezes. Nos lugares em que a linha se cruza amarrem bem, dando um nózinho com linha de cor diferente e aparando bem as pontas. Com muito cuidado tirem o tecido dos preguinhos e pronto.

Que mimoso ficou!



O CARPINTEIRO

CAPÍTULO IX

Aquele que era uma luz.

Disse Jesús: "Eu sou a luz do mundo: quem me segue não andar^á em trevas, mas terá a luz da vida." (João 8:12).

As crianças estiveram ajudando na colheita. Depois de um dia aprazível, claro e comprido, viram com tristeza aproximar-se o crepúsculo. Era a hora de deixar o trabalho e voltar para casa. Pararam um pouco para recobrar as forças, pois tanto a safra como o Joãozinho deram muito trabalho.

— Agora, meu bem, você vai para casa já, disse a mãe a Raquel, e prepara a sopa. Até ficar pronta estaremos todos lá.

— Ester pode ir na frente comigo?

A mãe olhou para Ester que estava atarefada em amarrar um feixe de trigo.

— Não, minha filha, foi a resposta. E' melhor ela terminar aquele serviço e ir atrás conosco.

Raquel não insistiu. Sem mais demora saiu. Entretanto já estava ficando tarde e, em caminho, a noite principiou a cair rapidamente como acontece naquela região. Raquel aborrecia, odiava até, a escuridão. Reconhecia nisso covardia sua e esforçava-se por ser valente, escondendo de todos tamanha fraqueza. Marcos era corajoso e não menos Ester. Isso tornava-lhe a situação ainda mais crítica, sobretudo por ser ela filha de fazendeiro!

Ouviu de repente um barulho exquisito ao lado: alguma coisa se movia por entre as sombras sinistras. Raquel estremeceu; contudo, foi apenas um dos bois que por ali andavam a pastar. Logo depois foi um sussurro pelos galhos das árvores que beiravam a estrada, mas novamente não passou de uma das criaturas amigas. Raquel estugou os passos, com o coração a bater e toda trêmula. Feliz-

mente já se aproximava e avistaria em pouco a sombra mais carregada da casa da fazenda. Uma pomba voou de uma árvore a outra e o movimento de suas asas não deixou de assustá-la ainda mais. Todos os sons familiares que durante o dia eram tão conhecidos e estimados pareciam, à noite, diferentes e ameaçadores. Por que?

Raquel chegou à casa e entrou. Também lá estava escuro. E ela sentiu arrepiar-se. Mesmo assim procurou coordenar as idéias e fazer o que lhe fora ordenado. Devia, antes de tudo, acender o lampeão e depois ver os ovos para a sopa. Ela bem sabia onde estava o candieiro e onde os ovos estavam, entretanto não ousou mover-se para pegá-los.

Suspirava tanto pelo abrigo da casa e uma vez ali, fugia dele. Foi para fora. Pensou em voltar a encontrar-se com os outros mas estava por demais assustada para aventurar-se novamente pela picada. Que deveria fazer? E por que toda essa tremedeira? As árvores, balançando-se ao vento, pareciam monstros a estender os braços para agarrá-la. Não suportando tal situação, gritou!

E então, uma voz, serena e familiar, lhe soou da escuridão:

— Não tenha medo, Raquel, eu estou aqui.

Era o Carpinteiro de Nazaré.

— Jesús! exclamou a menina. Onde está o senhor?

E embora sua voz ainda fosse chorosa, havia nela infinita consolação.

— Estou aqui, veio a confortadora resposta, ao mesmo tempo em que uma bondosa mão tomou a sua mãozinha gelada.

O Carpinteiro, que tão bem conhe-

cia a casa, procurou o candieiro e acendeu-o. À sua luz, contemplou o rosto aflito de Raquel, que rapidamente toma a feição de calma e descanso.

— Raquel, disse ele meigamente, sinto muito que o escuro a assuste tanto, tanto assim.

— Sabe, eu me esforço por não ter medo, disse a menina. Os outros caçoam de mim quando vêem como eu fico amedrontada. Tenho até vergonha de lhes contar, falou ela escondendo o rosto.

— Escute, disse Jesús pousando a mão levemente sobre seus cabelos, quando ficar com medo, eu queria que você dissesse: “Confiarei e não temerei”.

A menina assentiu com a cabeça:

— Eu me esforço, disse ela, mas não sou capaz e fico com medo.

— Há mais alguma coisa que Daví disse, continuou o Carpinteiro: “Quando eu tiver medo, hei-de confiar”. Você não quer tentar proceder assim, Raquel?

— Eu vou experimentar, prometeu a menina.



Depois acrescentou, devagar, como que precisando de tempo e cuidado para achar as palavras necessárias:

— Ao ouvir a voz do Senhor na escuridão, foi como que uma luz e não senti mais nenhum medo. Mas o caso é que o senhor não está sempre aqui quando eu fico com medo, resumiu ela pesarosa.

— Mas eu sou sempre seu Amigo, afirmou-lhe Jesús.

Raquel olhou para o seu rosto com ar de quem alcançara todo o sentido de suas palavras.

— Sim, é verdade, repetiu cheia de júbilo. E mesmo que o senhor não esteja aqui, posso tê-lo em pensamento. E talvez isso também seja como que luz.

O Carpinteiro sorriu. Saberia ele que algum dia seria chamado a Luz do Mundo?

— Bem, preciso deixá-la para preparar a sopa, disse ele. Devo ir mas os outros não tardarão. Está com medo agora?

— Não, agora não, respondeu a menina, com sinceridade. Ou por outra, se estiver, acrescentou ela enquanto o Carpinteiro chegava à porta, eu hei-de me lembrar.

Jesús deixou a casa da fazenda, e dentro de poucos minutos Raquel ouvia vozes dos outros que se aproximavam. Assim que chegaram à porta, Raquel tomou dos braços da mãe o Joãozinho que dormia. Ele apenas se mexeu um pouco e murmurou “Raquel” satisfeito enquanto ela o punha na cama.

A sopa estava pronta e a família, fatigada, serviu-se dela com agradecimento pelo bom trabalho daquele dia. Ester observava Raquel pensativamente:

— Seus olhos estão brilhando tanto, esta noite, Raquel, disse a prima. Até parecem estrelas.

— Você acha? disse Raquel. Pois eu estava para lhes dar uma agradável notícia. Jesús esteve aqui!

— Eu estava mesmo adivinhando, disse a mãe.

CAPÍTULO X

O Carpinteiro, também médico

“E percorria..... curando todas as enfermidades e moléstias... (Mat. 4:23).

“Trouxeram-lhe então alguns meninos... (Mat. 19:13).

“E tomando-os nos braços, disse... Dos tais é o reino de Deus. (Marcos 10:14,16).

Certa manhã Joãozinho amanheceu impertinente e desassossegado. Durante o dia não apresentou melhoras e à tarde gemia nos braços da mamãe; pouco movia os membros; seu rostinho era de acentuada palidez e os olhos apresentavam um brilho diferente.

A família mostrava-se apreensiva. O pai pouco falava, mas era evidente a sua perturbação. Marcos estava muito quieto. As duas meninas tinham o coração pesado e mesmo quando as mãos trabalhavam, o pensamento estava em outra coisa. Não podiam esquecer nem por um momento.

E a mãe? Pobre mãe, parecia não notar nenhum deles. Seu rosto estava tão lívido como o de Joãozinho. Pouco se alimentara e à força. Durante toda a noite acalentara o filhinho, mas sua alma agitava-se debaixo da sombra da dor.

No dia seguinte o doentinho amanheceu pior. Foi então que Raquel se lembrou do Amigo que nunca falhara quando ela precisava dele, e suspirou:

— Ah! Se Jesús viesse!

— E' mesmo! concordou Ester, e, completando o pensamento de Raquel, acrescentou — E creio que ele era capaz de curar o Joãozinho.

Marcos ouviu essa conversa e pensou consigo mesmo por algum tempo. Dalí a pouco, sem nada dizer, saiu de casa e numa disparada tomou o caminho de Nazaré. Ao chegar à oficina do Carpinteiro, entrou ofegante e sem fôlego.

— Jesús, exclamou ele vermelho de calor e ansiedade.

Mas a serenidade do Carpinteiro pareceu envolvê-lo e em tom mais calmo continuou:

— Joãozinho está doente, muito, muito doente. O senhor podia ir?

O Carpinteiro largou a plaina:

— Eu vou já.

Os dois puseram-se a caminho da estrada poeirenta. O Carpinteiro, notando o semblante aflito do rapaz, conversou com ele a respeito dos passarinhos nas árvores, das vinhas que amadureciam e das caravanas e camelos em direção a Jerusalem. E ele parecia tão calmo que Marcos pôde escutá-lo falar sobre tais coisas. Somente no fim da jornada foi que fez algumas perguntas a respeito de Joãozinho.

Quando chegaram à fazenda e Raquel avistou seu Amigo, o seu rostinho triste transformou-se. A esperança iluminou-o como um raio de sol. Jesús tomou-lhe a mão mas não disse uma palavra. Entretanto já não era só esperança que se lia em seu rosto — era uma confiança profunda e paz no coração.

Sem perda de tempo levaram Jesús ao Joãozinho. A mãe ergueu os olhos, onde ainda brilhavam lágrimas e olhou no rosto do Carpinteiro — um olhar demorado, indagador e súplice.

— Que mais eu posso fazer por ele? indagou ela.

— Permite que eu o segure enquanto a senhora come alguma coisa e descansa um pouco? perguntou Jesús delicadamente, curvando-se sobre o pequenino e tocando ternamente o corpinho inerte.

Mas a mãe, sacudindo a cabeça, protestou:

— Não, não. Como posso eu comer ou descansar?

O Carpinteiro pousou a mão sobre seu ombro cambaleante. Percebeu o quanto ela estava gasta de cuidado e vigília.

— Ele vai melhorar, disse Jesús, e vai precisar logo mais de que a senhora esteja forte. Descanse e coma.

A essas palavras a mãe cedeu, pois olhando-lhe o rosto, sentiu que seu tesouro — o filho — estaria seguro nos braços dele. Seguro? Sim, mais do que em qualquer outro lugar do mundo inteiro. E cheia de confiança entregou-lhe a criança e foi tomar o alimento que Raquel às pressas lhe preparara. E como o Carpinteiro ainda o segurava, ela deitou-se um pouco no divan, não para dormir, pois isso era impossível até; todavia para admiração de todos, ela dormiu, pois seu espírito encontrara descanso. Joãozinho estava salvo!

Ao acordar, Joãozinho foi o seu primeiro pensamento; mas o Carpinteiro estava de pé, ao lado do divan e o pequenino que estivera lastimavelmente largado, mexia-se agora em seus braços, e os olhos antes tão exquisitamente brilhantes, já começavam a reconhecer as coisas. Dalí a pouco seus lábios tentaram dizer uma palavra e embora não conseguisse pronunciá-la, a mãe adivinhou com facilidade. Tomou-o e apertou-o contra o coração, cobrindo-o de carícias. Depois, quis falar a Jesús, mas não lhe vieram as palavras — apenas lágrimas. As meninas aproximaram-se também. (Marcos e o pai estavam na fazenda, trabalhando).

A voz do Carpinteiro quebrou o silêncio. Ele agradecia ao Pai do céu por ter ouvido e atendido e curado; ao mesmo tempo encomendava novamente a pequena família à proteção de seu Pai.

Dalí a pouco uma Raquel, radiante de alegria, correu a dar a boa nova a Marcos e ao pai. De longe eles a avistaram e perceberam que

o perigo era passado. Largando o serviço, foram a casa. Marcos, passando o olhar pelo quarto, observou maravilhado:

— E' como se Jesús ainda estivesse aqui.

Entretanto, ele já havia ido.

— O Carpinteiro me confunde, tornou o pai. Ele é médico? Preciso ir agradecer-lhe.

— Ele vai dizer que devemos agradecer a nosso Pai do céu e não a ele, disse a mãe.

— Acho que devemos agradecer aos dois, lembrou Marcos.

— Uma vez, falou a mãe pensativa, Maria ouviu-o dizer: "Eu e meu Pai somos um".

— Um? repetiu o pai. Como assim? acho que ela não ouviu bem.

A mãe não respondeu, apenas aconchegou mais o Joãozinho. Agora ele lhe parecia ainda mais precioso, não apenas por lhe haver sido restituído, mas por haver estado nos braços de Jesús.

Raquel gostava muito de ensinar o Joãozinho falar. Depois disso ele aprendeu logo três palavras sobre as quais Raquel insistia bastante e todos o compreendiam. Eram elas: "Jesús, meu Amigo". E quando Jesús voltou à fazenda, tomou o pequeno nos joelhos e os pequerruchos dedos de Joãozinho afagavam-lhe o rosto, ao mesmo tempo em que dizia:

— Jesús, meu Amigo.

Jesús contemplou a fisionomia alegre das crianças e então ergueu os olhos para o rosto da mãe. Em toda parte ele via confiança, amor e gratidão e de repente um novo resplendor lhe veio aos olhos. Era como se ele tivesse tido uma visão.

"O reino dos céus", disse ele, como que para si mesmo — "dos tais é o reino dos céus".

(Conclue no próximo número).

*"Jesús é o melhor amigo,
Jesús é o melhor amigo.
Repreende com dulçor,
E me anima com vigor.
Sim, o melhor amigo é Cristo".*

Mimoso e Negucho eram muito traquinas. Inventavam cada peraltagem de deixar suas mães sem saber o que fazer.

Um dia, precisando d. Susa e d. Bichana ir fazer compras, resolveram prender os filhinhos ao varal para saírem sossegadas.

Nem bem se viram sós, disse o cachorrinho, rosnando:

— Vamos, Mimoso, vamos escapar daqui. Estou louquinho de vontade de dar um passeio no lago. Você não vê umas táboas boiando nele?

— H - m - m! Não sei, não. Mãe não quer nem que eu chegue lá perto. Além disso, estamos presos a este varal; como havemos de sair? Você bem sabe que estamos aqui por sermos desobedientes.

— Ora, bobinho, é canja sair! Veja!

E o Negucho, muito velhaco, tirou a blusa onde se prendia a cordinha.

— E' mesmo! Que canja!

E num abrir e fechar de olhos era o Mimoso que se libertava.

Suas roupinhas flutuavam, presas ao varal, à mercê da brisa.

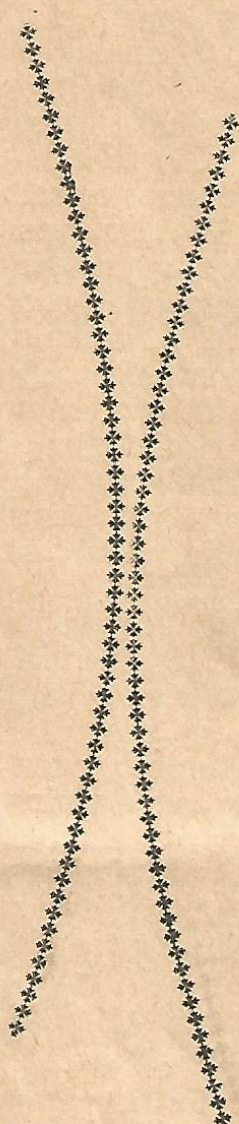
Minutos depois, beiravam o lago.

— Que gostosura deve ser! exclamou Negucho.

— Mas eu não sei nadar, dizia o gatinho, cheio de medo.

— Vamos fazer isto: Nós dois pulamos, cada um numa táboa, destas aqui perto e vamos dar uma vultinha. Quando eu desconfiar que mãe vem vindo, eu pulo nágua e, nadando, puxo a sua para a terra.

Camaradagem do Bich



— O plano é dos melhores, mas ainda assim tenho um pouquinho de medo, confessou Mimoso.

— Não seja medroso, eu vou junto. Um, dois, três, vá!

Ao dar o latido “Vá!” ambos deram um pulo.

Por meia hora mais ou menos os marotinhos gozaram de fato, esquecidos da vida.

De repente o Mimoso se lembrou:

no e do Cachorrinho



— Ih, Negucho! Acho que mamãe vem vindo! Parece que é ela mesmo. Olhe lá! Eu não quero que ela saiba que fugimos! Agora pule da sua táboa e me puxe depressa.

Negucho pulou imediatamente e nadou em direção ao *barco* do companheiro, indo em seu auxílio. Mas — que desastre! — quando pôs uma pata para agarrar a táboa, ela virou e justamente no lugar mais fundo!

Pobre Mimoso! Lá se foi ele! Negucho tentou agarrá-lo, mas ele tanto se debatia de aflição que era impossível segurá-lo.

Nisso chegam as mães e, antes de tirar a chapéu e o vestido de sair, vão ver os filhinhos. Ao dar com suas roupinhas balançando ao vento, ficam terrivelmente assustadas.

— Onde estarão essas crianças? dizem elas desesperadas.

Correm aqui, correm ali, ansiosas por ouvir a voz dos filhinhos.

Foi d. Susa quem desconfiou do paradeiro deles, pelos rastos de seus pesinhos. Pegando numa vara de pescar que tinha perto do canil, correu para lá.

Nem bem se aproximavam, ouviram distintamente os gritos aflitivos do Mimoso e do Negucho:

— Mamãe, mamãe, socorro, mamãe! Depressa! Venha, mamãe!

D. Susa lançou a vara e antes de dar explicações, já os dois se haviam agarrado a ela. Devagar, devagar e com muito cuidado ela tirou a vara e os dois, salvos, pularam e se agarraram à sua mamãezinha, aconchegando-se o mais possível ao seu pêlo macio e quente.

E d. Susa e d. Bichana estavam tão contentes por verem os filhinhos salvos, que não lhes disseram uma palavra sequer de repreensão. E nem era preciso, pois os dois estavam mais do que convencidos de que não há no mundo quem nos queira mais bem que a mamãe e por isso resolveram obedecer-lhe sempre, mas agora *por amor*.



A PROSA FIADA É UM EXEMPLO A SEGUIR

Lucila Batista Pereira

Copyright de SPES de S. Paulo

A prosinha fiada é um hábito bem brasileiro e que por certo não deixa de ter encantos.

Nenhum de nós, sem dúvida, escapa aos seus prazeres, pois, realmente, é preciso não ser latino e não ter nascido nesse lado do Atlântico para não se sentir atraído por essa "conversinha mole", em que se comenta tudo, desde o destino político do mundo até o problema das criadas.

Os que nos lêem, provavelmente, pensarão que, se prostrar está no sangue de todos nós, criticar é sem dúvida uma das maiores ocupações femininas.

Sem defender o sexo frágil, somos, no entanto, obrigados a reconhecer que uma conversa entre homens, nesse particular, é diferente apenas nos detalhes, porque achar que o mundo está errado é opinião geral e corrente. Ora, no Brasil, país ainda em formação, as necessidades nos aparecem or vezes tão prementes e os empecilhos tão numerosos que os temas para estas críticas de todo dia, ao correr de uma prosa fiada, são encontrados facilmente. Assim, em vez de agirmos, contentamo-nos em observar, comodamente, os acontecimentos, sem, no entanto, percebermos que tal atitude se torna prejudicial a outrem pelo pessimismo que em torno de si espalha. Acharmos que os governos não olham para isto e se descuidam daquilo, mas raramente pensamos:

— "Poderia eu, dentro de minhas possibilidades, fazer alguma coisa neste sentido?"

Ora, num país em fase de construção, as grandes tarefas não pertencem apenas ao grupo de dirigentes; cada um traz em si a responsabilidade de lutar e colaborar contra os erros que indica e contra as necessidades que percebe.

Penso mesmo que os problemas brasileiros só poderão ser resolvidos, quando cada um de nós se convencer de que lhe

cabe um pouco de culpa naquilo que aponta em seus governos.

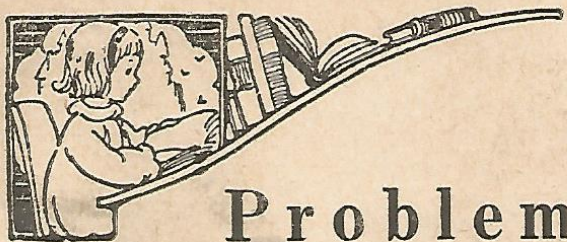
Do valor da colaboração individual na solução de coisas nossas vêm nos falar com especial eloquência essas organizações particulares que se propõem a combater nossos maiores inimigos: a ignorância e a doença. Ainda há dias, disto tive um exemplo, ao ter conhecimento da obra notável que senhoras Jauenses vêm realizando em prol da nossa gente. E, estudando, com grande interesse, a história da "Associação Feminina Pró Jaú Forte", um simples dado me impressionou, profundamente: o auxílio que um pequeno grupo de moças deu ao combate ao tracoma em Jaú se traduziu, após dois anos de luta, na diminuição de 50% dos indivíduos afetados! No entanto, nessa realização os recursos materiais empregados foram modestos e os batalhadores pouco numerosos.

Então, qual o segredo de seu êxito? Vontade e dedicação.

Não analisaremos aqui, em detalhe, a notável obra social realizada pela "Associação Feminina Pró Jaú Forte" e que se traduz principalmente no combate ao tracoma e na instituição da sopa escolar, precioso auxílio para a alimentação das nossas crianças. Queremos, porém, ao citá-lhe o exemplo, demonstrar que cada um de nós, mesmo dentro de seus modestos meios, pode realizar tarefas proveitosas para a coletividade.

Reconheçamos nossa responsabilidade dentro do Brasil, olhemos de frente sem pessimismo os problemas, e, finalmente, façamos com que em nossas conversinhas de sempre se fale menos nos erros dos governos e mais no que podemos fazer. E, quando em nossa prosa substituirmos o clássico — "o governo não faz isso e aquilo"! — por — "podemos ajudar nisso e naquilo" — teremos andado um grande passo no sentido de formar uma Pátria mais feliz.





Problema Bíblico

Sei que vocês, crianças, estão ansiosas por mostrar à nova professora como estão firmes nas contas. Com certeza ela vai apreciar o seu aproveitamento na escola.

Como recordação vou dar-lhes um problema com números que lhes não são muito familiares. É um problema bíblico, isto é, os números são tirados da Bíblia, o livro dos livros, que vocês devem desde cedo aprender a manusear.

Seria bom que os pais ajudassem os filhos a resolver este problema, pois a camaradagem e a colaboração dos pais são de grande valor.

A resposta sairá no próximo número.

1.º Somar o número de salmos ao número de homens ao lado de Gedeão. (Juizes 7:7).

2.º Dividir essa soma pelo número de pedras que Davi escolheu para matar o gigante Golias. (I Sam. 17:40).

3.º Somar ao número de medidas de trigo que Boás deu a Rute. (Rute 3:15).

4.º Tirar o número de dias e noites que choveu durante o dilúvio. (Gên. 7:12).

5.º Dividir pelo número de vezes que Eliseu mandou a Naaman que se lavasse no Jordão. (II Reis 5:10).

6.º Somar ao número de dias que Lázaro esteve morto, quando Jesus o ressuscitou. (João 11:39).

7.º Somar ao número de vezes que os filhos de Israel cercaram Jericó. (Josué 6:3-4).

8.º Tirar o número de livros da Bíblia escritos por João.

9.º Multiplicar pelo número de âncoras que foram lançadas na ocasião do naufrágio de Paulo. (Atos 27:29).

10.º Dividir pelo número de cada espécie de animais imundos que entraram na arca. (Gên. 7:2).

11.º Multiplicar pelo número de homens que foram à procura de Elias, depois que ele foi arrebatado aos céus. (II Reis 2:17).

12.º Somar ao número de almas aumentadas à igreja no dia de Pentecostes. (Atos 2:41).

13.º Dividir pelo número de príncipes convidados ao banquete de Belshazar. (Dan. 5:1).

14.º Somar ao número de versos do salmo mais curto. (Sal. 117).

15.º Multiplicar pelo número de filhas que Jó tinha antes de sua provação. (Jó 1:2 e 42:13)."

Ext.

Pronto. Guardem bem a solução, aguardando a resposta no próximo número.



Extraordinário 1º Dia de Aula

Diná abriu os olhos. Era dia! Chegaria em tempo à escola, justamente no 1.º dia de aula?

Com o coração a pulsar nervosamente, deu um pulo da cama e correu ver lá fora. A mãe estava de enxada na mão, limpando os pés de milho.

— Mãe! chamou ela. Por que a senhora não me acordou? A senhora esqueceu que hoje é o 1.º dia de escola?

D. Elza ouviu a voz da menina tão cheia de ansiedade, que a atendeu na mesma hora.

— Diná, minha filha, você está aflita à-toa. Sabe que horas são? Cinco horas apenas.

— Mas as aulas começam às sete e eu tenho ainda 2 km. de estrada!

Vestiu-se depressa, imaginando como ficaria catita no seu vestidinho novo, xadrez azul.

— Deixe-me fazer suas tranças para adiantar o expediente. Você está nervosa por nada.

Obedientemente a menina ajoelhou-se diante da mãe para facilitar-lhe a tarefa. Esforçou-se por não dar nem um "ai" enquanto a mãe lhe desembaraçava o cabelo. Para Diná esse dia era todo especial. Tinha já onze anos e só agora é que conseguira ir à escola. Era pois justo que quisesse ir bem bonitinha.

Como os sitiantes moravam muito espalhados e eram tão poucas as crianças que queriam aprender, não tinha sido possível antes manter ali uma escolinha.

Mas afinal lá se erguia ela — fruto do esforço de uns poucos pais. Era uma salinha só e de madeira. De alguns distava 4 km. O professor viria todos os dias pelo subúrbio e da estação à escola iria a cavalo.

— Mamãe, que jeito teem os professores? perguntou Diná. Será que eles teem boa cara? Não serão implacantes?

— Acho que muitos deles são de

bom coração e o seu especialmente espero que o seja.

— Tomara! Imagine, mamãe, como eu ficarei se ele tiver cara de bravo. Inda mais que ficou resolvido ele morar em nossa casa, se não se acostumar com a viagem de todos os dias!

— E' mesmo, suspirou d. Elza que, com dificuldade provia o necessário para si e para a filha.

— Por que em geral os professores da roça moram com os alunos?

— Em parte por causa da dificuldade de comunicação e em parte para lhes facilitar o pagamento das lições, explicou-lhe a mãe.

— A senhora também tem de pagar?

— Como não. Vou buscar já antes que me esqueça.

Indo ao armário da cozinha tirou do canto uma nota de 20\$000 e outra de 10\$000 e entregou-as à menina, dizendo:

— Você lhe dá isto pelo 1.º semestre.

— Tudo isso?

— E' verdade, tudo isso, minha filha.

— E' demais, para nossas forças, mamãe, bem sei. A senhora guarda de novo e eu deixo para ir à escola no ano que vem. Quem sabe até lá...



— Não, não, meu bem. Seu pai havia de querer que você fosse... e João também.

— Então eu vou. E prometo aprender bem.

Olhando para o fogão, lembrou-se de que ainda estava em jejum e procurou desviar o assunto, dizendo:

— Dará tempo ainda de eu tomar café?

A lembrança do pai e do irmão sempre fazia a mãe chorar. Enquanto engulia às pressas o café, pensava neles, mas muito vagamente, pois a recordação que deles tinha era mínima. Todavia imaginava como deveria ser bom ter pai e um irmão!

O acidente se deu quando ela era criancinha. O pai fora com o filho à capital. No caminho ladrões o assaltaram e tiraram-lhe a vida, dando por morto também o menino que tinha cinco anos.

Diná sabia que desde então a vida se tornou difícil para a mãe infeliz. Havia muito trabalho e pouco dinheiro. Mesmo assim possuíam uma casinha com um alqueire de terra, um poço com boa água, uma vaquinha e lenha. E agora, escola!

Diná levantou-se de súbito como que despertando, pegou a cestinha de lanche e deu adeus à mamãe, dizendo:

— Na volta eu conto direitinho como ele é.

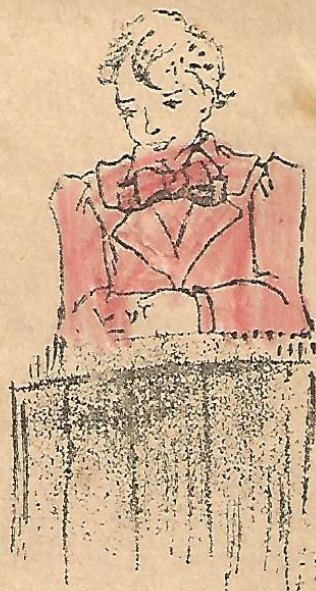
Muito garbosa e satisfeita pegou a estrada com passo firme.

Havia quinze crianças na escola. As meninas, quasi todas, foram de vestido riscadinho. Os meninos também estavam limpos e bem arrumados. Todos, porem, descalços.

Ao avistar o professor, Diná ficou admirada. Tão jovem, parecia também aluno entre os rapazes já crescidos e fora da idade escolar. Mas seu olhar era de bondade e camaradagem.

À hora marcada ele bateu com a régua na mesa e disse: E' hora!

A criançada correu a sentar-se nos bancos compridos.



— Desejo sermos bem amigos este ano, começou ele.

Diná percebeu certa timidez nele. Mas pouco a pouco alunos e professor já se sentiam familiarizados.

— Como hoje não temos ainda lição, falou ele, vamos gastar o tempo aprendendo os nomes um do outro e travando conhecimento para nos sentirmos bem em casa. Antes, porem, vamos cantar um pouco. Quem sabe um canto qualquer?

Ninguém falou por um pouco. Depois Diná, timidamente disse:

— Eu sei um.

A pedido do professor ela se levantou, visivelmente nervosa por ver que os olhares de todos se fixavam nela. Mas, como gostava de cantar, sua voz clara, apenas um tanto trêmula, encheu a sala com um canto de ninar criança.

— Pare um pouco, disse o professor.

O coração de Diná pulou de susto. Como o moço parecia esquisito. A passos largos aproximou-se dela e pegou-lhe o braço. “Oh, teria errado?”

— Onde você aprendeu isso? indagou.

— Foi... minha mãe... que fez isso para mim... e meu irmão, gaguejou a menina, tremendo de medo.

— Ondê está seu irmão agora?

Diná sacudiu a cabeça, mostrando não saber.

— Como se chama ele?

— João, respondeu com nó na garganta. Mas o que eu fiz errado?

O moço percebeu então que ela estava com medo e disse-lhe muito meigamente:

— Faça o favor, venha aqui fora um pouco.

Longe dos olhos curiosos das crianças ele lhe perguntou sem rodeios:

— O seu irmão morreu?

— Não sei, acho que sim.

E contou-lhe todo o caso.

— Eu também me chamo João e quando eu tinha cinco anos fui com meu pai à capital fazer compras. No caminho fomos assaltados. Meu pai morreu e eu fiquei inconsciente, como morto. Horas depois comecei a gemer. Um homem que passava a cavalo ouviu-me, apeou e levou-me consigo. Eu tinha apenas 5 anos e não sabia o meu sobrenome. Lembrava-me do ocorrido conosco, lembrava-me de mamãe, de uma irmãzinha chamada Diná mas não sabia dizer onde morávamos. O homem criou-me e me instruiu. Morreu, porém, há

meses, e vim ganhar a vida lecionando aqui.

Diná empalidecia ao ouvir o caso.

— Então o senhor acha... que é... que é meu irmão?

— Exatamente. Tenho agora plena certeza. Não vê que reconheci aquele canto?

Diná olhou para ele. Já agora chorava, não mais de medo, mas de gosto.

* * *

De volta para casa, ao se aproximar, correu na frente, gritando:

— Mamãe, o professor vai morar conosco toda a vida! Ele vem vindo aí.

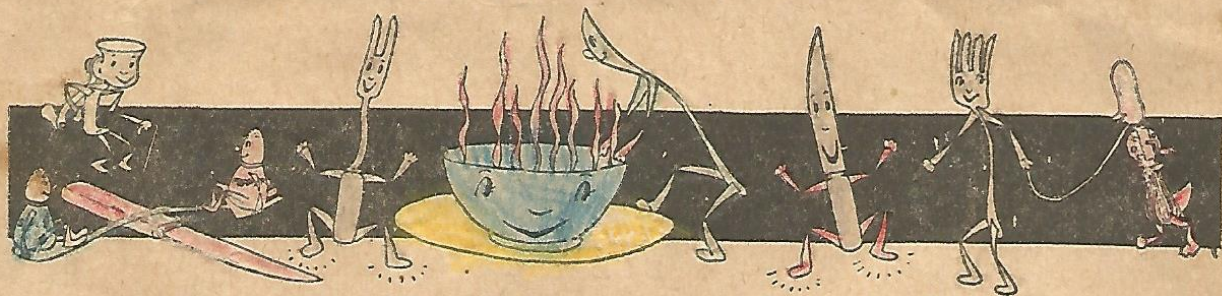
— Que você está dizendo, Diná?

— E' sim, mamãe! O professor é o nosso Joãozinho perdido! E' ele sim!

— Deveras?!

* * *

Antes de mais explicações o moço avista a mãe e, correndo para ela, abraça-a; ela o beija e entram a conversar animadamente ante a alegria incontida da irmãzinha que nunca sonhara presenciar cena tão alegre e comovente.



PETISCOS para os Bem-Te-Vistas

Pão de Ló com água

- 4 gemas.
- 2 ch. de açúcar.
- 1 ch. água.
- 2 ch. far. trigo.
- 2 claras.
- 1 col. fer. inglês.

Bata bem as gemas com o açúcar. Junte a água aos poucos e a far. peneirada. Por fim as claras e o fermento.

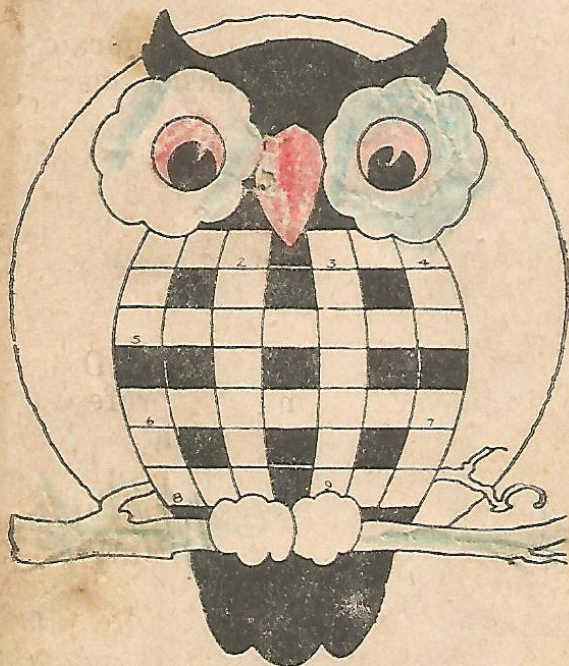
Paté (ótimo)

- ½ kg. de fígado.
- 2 ch. leite.
- 2 ovos.
- 1 ch. manteiga.
- 1 col. sal.
- 1 col. noz moscada.
- 1 col. cravo em pó, torrado.

Passe o fígado cru na máquina e depois em peneira fina. Ponha as misturas. Mexa bem e leve ao banho-maria, durante 3 horas.

(Dura 20 dias).

PALAVRAS CRUZADAS



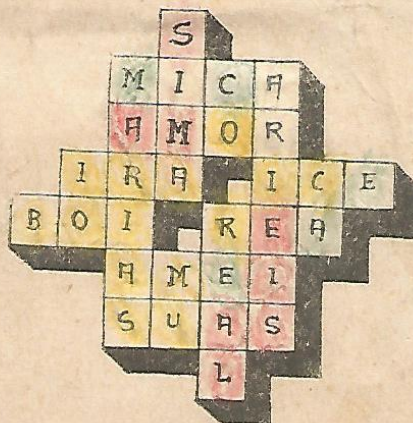
VERTICAIS

1. Passe no moinho.
2. Planta que produz a rainha das flores.
3. Multidão; osso dos dedos.
4. Água corrente.
6. Preposição.
7. Ação.

HORIZONTALAIS

1. Porção de oceano.
3. Verbo ir no futuro do subjuntivo.
5. Ataque; arremetida súbita de feras, ladrões, inimigos, etc.
6. Pacto.
8. Nome próprio que designa todas as mulheres.
9. Repetição de um som.

Solução ao de janeiro:



Quadras Populares

"Ninguém deve neste mundo
De alheias desgraças rir;
Quando o céu troveja — o raio
Não faz ponto onde cair."

"Até nas flôres se encontra
A diferença da sorte:
Umas enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte."



UM PRESENTÃO

Vejam só que idéia teve o Osvaldinho!

No dia de anos de Andréa houve uma festinha em sua casa. Muito simples, é verdade, mas bem alegre. O Osvaldinho caiu na tolice de levar o seu cachorrinho *Toco*. Para que? Só para fazer traquinagem. *Toco* era bolicoso e valente em latir. Daí o seu nome.

Logo ao chegar o *Toco* correu pelo quintal, cheirou aqui, fossou ali, parecia louco de fome. As crianças menores que também tinham ido para a festinha, assustaram-se e a mais pequenina começou a chorar.

Osvaldinho chamava-o, tentando sossegá-lo, mas qual o que, ele não atendia.

Andréa começou a irritar-se, pois onde já se viu um cachorrinho estragar sua festa? Por cúmulo, o *Toco* entrou na cozinha, atraído pelo cheiro dos doces, puxou, puxou com os dentes a toalha da mesa, até conseguir derrubar alguma coisa. Foi então que Andréa perdeu a paciência e deu-lhe um ponta-pé, saindo ele a ganir.

— Osvaldinho, é melhor você levar o *Toco* para casa, senão ninguém tem sossego. Você leva e volta, não acha

melhor? sugeriu-lhe a mãe de Andréa.

— E' mesmo, respondeu o menino inexperiente. Vou já.

Agarrou o Toco e voltou com ele.

Entretanto, pelo caminho ia pensando:

“Coitado, acho que ele está mesmo com fome. E temos em casa tão pouco para lhe dar!”

Chegando à casa, largou-o no quintal e saiu depressa. Atrás dele correu o cachorrinho.

— Fique, Toco, fique. Você não pode ir, disse-lhe o menino, voltando a prendê-lo.

Mas o seu companheiro não se dispunha a ficar.

— Olhe, Toco, eu vou e trago um pedaço de bolo para você, ouviu? Você fica?

O cachorrinho, entretanto, corria atrás dele, mal dava uns passos.

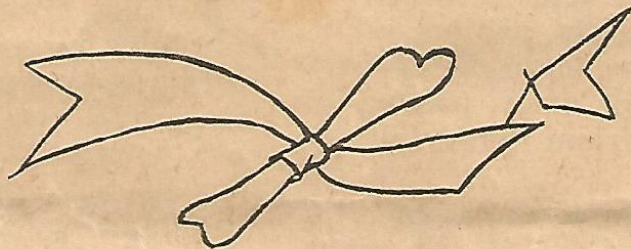
Depois, como que tendo uma idéia, voltou-se, afagou-o e disse-lhe carinhosamente:

— Sabe, Toco, você é bonzinho, você fica aí bem alegrinho e quando chegar o dia de seus anos, eu lhe faço uma festinha, você vai ver. Você quer? Você fica então?

Embora aquelas palavras lhe fossem incompreensíveis, o Toco sacudiu o rabinho, muito concordado.

Não foi fácil ao Osvaldinho arranjar o dinheiro necessário, dez mil réis apenas. Mas arranjou. E no dia em que o Toco fez 2 anos, vejam lá o que ele arranjou. Um bolo com duas velinhas feito pela mamãe, e ainda um osso!

Não acham vocês que o Osvaldinho era muito amoroso?



A menor das pombas

Certa vez, nasceu uma pombinha num ninho feito no alto das paredes de um velho palácio. Ela possuía quatro irmãs e era a menor de todas.

Fez tudo que era possível para crescer. Suas penas cresceram e se cobriram dos mais lindos tons de castanho, cinza, púrpura e ouro, mas ainda assim ela era a menor das pombas.

Vivia muito triste, porque não podia ser grande, forte e admirada como as irmãs.

Um dia, sua mãe lhe disse: — Pouco importa, minha filha; como o mais pequeno passarinho tem seu trabalho para fazer neste mundo, com certeza, haverá alguma coisa para uma pombinha tão querida e delicada como você.

Nessa época, no palácio onde a pombinha vivia, morava o caridoso bispo Valentino. Por ser muito bom, era o homem mais querido em Roma. Todos os dias o bondoso bispo enviava cartas de carinho e conforto aos seus amigos: — à querida princesinha doente, no grande palácio, ele enviava um punhado de amores-perfeitos; à pequena aleijadinha que morava na rua mais pobre da cidade mandava uma cesta de cerejas fresquinhas. Às vezes, mandava-lhes apenas uma carta, falando do seu amor. O velho gostava de todos; queria bem até às pombinhas que voavam pela cidade e em volta do campanário.

Um dia, Valentino viu a menor das pombas e sorriu-lhe, porque achou-a

linda. A pombinha gostou dele, porque lhe sorria. Daí por diante, ela esvoaçava, todos os dias, perto da janela do escritório do bispo, e ele sempre lhe sorria bondosamente.

Mas havia em Roma um homem que, cheio de inveja, odiava Valentino. Era o imperador mais poderoso do mundo, o malvado Cláudio. Aos seus ouvidos chegavam continuamente palavras elogiosas exaltando a bondade do bispo, ao passo que soberbamente sabia ser o seu nome execrado por quasi toda a população romana.

Um dia, o imperador invejoso ordenou a seus soldados: — Ide ao palácio do bispo, tirai-o de lá e ponde-o na masmorra mais escura da prisão. E' um atrevido que faz todos gostarem dele, enquanto eu sou odiado!

Os soldados foram e puseram o bom velho na prisão mais escura. O bispo ficou muito triste, não por ser maltratado, mas por não poder mais enviar mensagens de amor, pois sabia que os amigos iriam sentir falta das suas cartas.

— Que dirá disso a aleijadinha? Com certeza pensará que me esqueci dela.

Era o que mais o preocupava. Entretanto a menor das pombas voava por todos os lugares, procurando seu amigo. Onde, oh! onde poderia estar Valentino!...

Que pretendiam dizer as pessoas ao afirmarem que o imperador ordenara a prisão de Valentino? Sim, era essa a verdade e a pombinha voou rio abaixo, até chegar ao triste edifício; rodeou, rodeou a prisão, olhando em todas as janelas, porém, não descobriu o bispo. Por fim, viu uma janelinha ao rés do chão.

— Acho que ele não está ali, pensou, — mas vou espiar.

Baixou o vôo, chegou à grade da janela e lá estava seu amigo! O velho ergueu o olhar.

— Então, você me achou, amiguinha? exclamou sorrindo para a pombinha.

Depois de um profundo suspiro, pensou:

— Que estarão fazendo os meus outros amigos, que não podem voar e vir à minha janela? E as lágrimas lhe rolavam pelas faces. Neste momento, a pombinha apertou-se por entre duas barras da grade, a-pesar-de ser o espaço muito pequeno, e voou diretamente para Valentino, deixando cair a seus pés uma de suas apreciadas penas.

— Esta é a sua mensagem para mim, disse o bispo, olhando a peninha, mixto de castanho, cinza, púrpura e ouro.

A menor das pombas voou em direção à parede, perto da qual havia um canteiro de violetas. Colheu uma folhinha verde e a trouxe a Valentino.

O bispo sorriu amavelmente e chorou de alegria, porque uma admirável idéia lhe atravessara a mente. A verde folha representava os corações esperançosos. Apanhou a folhinha, atravessou-a com a pequenina pena que a pomba lhe trouxera. Sobre a folha ele traçou estas palavras: — “Eu te amo” e, dando-a à menor das pombas, pediu-lhe que a levasse à aleijadinha, à princesinha doente e a todos os seus amigos.

Oh! como ficaram contentes ao receber esta mensagem de amor e como se sentia feliz a pombinha por estar, enfim, fazendo alguma coisa para os outros...

• Passado algum tempo, morreu o cruel Cláudio e Valentino obteve a liberdade. No entanto, a menor das pombas continuava a levar as cartas e mensagens de amor do bispo a seus amigos.

Quando o bom velho Valentino morreu, o povo disse:

— Vamos celebrar seu aniversário, enviando cartas e mensagens de amor a seus amigos.

Por isso, ainda hoje, por ocasião do aniversário do caridoso bispo Valentino, seus amigos são lembrados com manifestações de amor e amizade.

(Colaboração).



QUEM É QUE SABE?

- 1) Completar : Assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também . . .
- 2) Corrigir : Já compraste o livro que me referi ontem ? Gostou ?
- 3) Qual é o inseto, terror dos lavradores, cujo nome é formado de uma fruta e do sobrenome do fundador do Rio de Janeiro ?
- 4) Que quer dizer : Sideral, alvícaras e alvitre ?
- 5) Qual foi o grande músico que, quando criança, levantava-se todas as noites, depois de toda a família se ter ido deitar, para exercitar secretamente num clavicórdio, no sótão da casa ?
- 6) Qual foi o autor da ópera "Barbeiro de Sevilha" ?
- 7) Que é que anda em dois pés e não é gente nem bicho ?
- 8) Qual é o maior quadrúpede que se conhece ?
- 9) Qual é o mamífero que voa ?
- 10) Qual é que flutua n'água, um ovo fresco ou um podre ?
- 11) De que nacionalidade foi o romancista Júlio Verne ?
- 12) Quem foi que pela 1.^a vez obteve o clorofórmio ?
- 13) Que é mimetismo ?
- 14) Qual é a possessão inglesa cujo nome indica produzir cana ?
- 15) Como é Cuba às vezes chamada ?

Respostas às perguntas de janeiro.

- 1) . . .as coisas honestas, perante todos os homens.
- 2) Quantos de vós estais reprovados ?
- 3) Os japoneses.
- 4) Alaska (A lasca).
- 5) Afonso Celso.
- 6) A *Bellini*, outro músico italiano que aos 7 anos já era um minúsculo compositor.
- 7) O insigne músico italiano *Verdi*.
- 8) As ilhas *Sandwich*.
- 9) As aves *Petrela*.
- 10) *Interino* — provisório, temporário. *Incoerente* — disparatado, sem lógica. *Inexaurível* — inesgotável. *Inexorável* — inabalável, implacável.
- 11) De buracos.
- 12) Não ; suas pálpebras correm do canto do olho para fora e não de cima para baixo.
- 13) O litro.
- 14) Vera (Primavera).
- 15) Um recebe 3\$500 e o outro 6\$500.

TRABALHAR !

Letra: A. de C. G.

Música: A. V. Melo.



1. Co - mo o tem - po ve - loz, sem me - di - da põe nas
2. Quem tra - ba - lha tem luz de al - vo - ra - das pa - ra o
3. Ei - a, to - dos a pos - tos, a - van - te! Nos es-



ho - ras i - men - so va - lor, demos pre - ço aos ins - tan - tes da
di - a da vi - da a - lu - mi - ar; tem pra - zer nas in - gen - tes jor -
tu - dos não ha - ja dor - mir! Pas - so a pa - so, car - rei - ra in - ces -



vi - da, tra - ba - lhan - do por fé, com a - mor. Sau - da -
na - das; tem vi - tó - rias e lou - ros sem par!
san - te, ru - mo cer - to de lar - go por - vir!



re - mos com vi - va ale - gri - a, os co - le - gas fi - éis no de -



ver! Re - com - pen - sa da lu - ta e por -



fi - a: Pa - ra - bens! Nos - sos vo - tos! Sa - ber!

Damos aqui uma composição do prof. Antônio de Campos Gonçalves, a qual o 2.º Grupo Escolar de Barretos adotou por seu hino oficial e o canta frequentemente. A música é da prof.^a d. Adalgisa Melo, educadora paulista, e que naquele Grupo Escolar se vem distinguindo por sua dedicação à causa educativa, assim como por seus dons artísticos liberalmente postos nos grandes objetivos da educação em geral no país. À prof.^a d. Adalgisa Melo e ao prof. A. de Campos Gonçalves, os agradecimentos de nosso mensário "Bem-Te-Vi".